André Pomponet

A informalidade e o "Teatro dos Vampiros"

André Pomponet - 07 de junho de 2019 | 12h 29

O rapaz atravessou a Rua Andaraí, lá no Jardim Cruzeiro, e estacionou defronte ao açougue, na calçada. Pilotava uma daquelas bicicletas adaptadas para transportar mercadoria. Examinou por alguns instantes os mostruários que exibiam postas bojudas de carne bovina, suína e caprina; frangos graúdos de tez amarelada; e a variedade de miúdos e vísceras que ficavam num canto do mostruário. Por fim, espichou o olhar para refrigeradores vazios num canto. Então indagou, sem descer da bicicleta:

- Quanto é que está o quilo do fígado?

Veio uma resposta qualquer lá de dentro, da moça no caixa que se enfastiava à espera de fregueses. Ele hesitou por um segundo e voltou à carga:

- E a carne de sol?

Colheu a resposta e foi fazendo uma curva larga, sobre a calçada de pedras portuguesas, para tomar a direção oposta. Na bicicleta, equilibrava uma caixa grande e outra média de isopor. Em ambas, pregado em papel ofício, o anúncio: "Quentinha R$ 5,00". Depois da manobra, seguiu em direção à Avenida Contorno, com o vento do início de junho sacudindo o guarda-pó branco, pois ele envergava um guarda-pó.

É jovem, pardo, um pouco gordo. Talvez tenha uns trinta anos. À medida que se afastava, examinava os arredores, esperançoso de encontrar um cliente eventual. Depois sumiu na confusão de carros, motos, bicicletas e caminhões que transitavam pela via congestionada. O guarda-pó era o único detalhe que o distinguia: trajava camiseta, bermuda e sandálias de dedo ordinárias.

Pobre coadjuvante na indústria de alimentos, aquele rapaz não é o único: sem opções – sobretudo nos últimos anos – muitos feirenses enveredaram pelo comércio de refeições prontas. Obviamente, não só feirenses: a necessidade se impõe a muitos brasileiros de milhares de municípios.

Trafegam num circuito precário: dedicam-se, na informalidade, a essa faina e costumam contar, na sua cartela de clientes, com gente que também opera fora da economia formal. Os preços baixíssimos dessas refeições embutem uma realidade cruel: não há nenhuma prestidigitação nos custos, mas redução na quantidade de alimento ofertada. Noutras palavras, o brasileiro com dinheiro curto que precisa comer na rua está ingerindo porções menores.

- Tapeando a fome – como muitos dizem.

Em São Paulo, restaurantes e lanchonetes no centro antigo e em regiões de grande aglomeração de trabalhadores oferecem refeições similares por R$ 10: metade de um

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

A primeira médica da h primeira médica de Fei

Meu louco herói de Tier

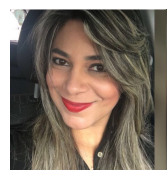
André Pomponet

A informalidade e o "Te Vampiros"

Lembranças da Bibliot Municipal

Valdomiro Silva

Flu e Bahia de Feira ten resultados no fim de se agora partem para a cl

O incrível quarto gol do que despachou o Barce pra história

Emanuela Sampaio

Odontologia Moderna.

Hope Celebra 10 Anos n

César Oliveira- Crô

Benditas as mulheres ..

Sou de todo mundo e t é meu também

AS MAIS LIDAS HOJE

1

prato-feito, para recorrer à métrica consagrada nesses circuitos. Camufla-se o desconchavo: quem vende e quem compra finge que segue tudo normal.

Lentamente, essa anormalidade – sinônimo de precariedade – se impõe nesses tempos de intermináveis agruras econômicas. Quase trinta anos depois, aquela música da Legião Urbana, "O Teatro dos Vampiros" – a letra magistral é de Renato Russo – parece cada vez mais atual e define, com rara precisão, os tormentosos tempos que vamos atravessando.

LEIA TAMBÉM André Pomponet

Lembranças da Biblioteca Municipal

Festejos juninos movimentam economia feirense

Manifestações juvenis incomodam à direita e à esquerda

Lula, Palocci e Paulo Bernardo viram ré
acusados de receber propina da Odebr

2 Criação e resistência

3 Cortado da Copa América por lesão, Ne
hotel da Seleção em Brasília

4 Banda Xotenejeo comemora 5 anos de

5 Lula diz a advogados que não vai usar t
eletrônica, diz coluna